

A dialética entre território e cultura na formação historico-geográfica, uma discussão teórica: breve abordagem sobre o distrito de Guaragi – Ponta Grossa (PR)

Vanessa Marques Barreto<sup>1</sup>

Leonel Brizolla Monastirsky<sup>2</sup>

**Resumo**

*O presente artigo pretende o entendimento da formação histórico-geográfica do distrito de Guaragi (Ponta Grossa – PR) através da análise sobre a dialética entre cultura e território. A cultura é uma forma de interpretar a organização do território a partir dos símbolos, das crenças, das experiências, das identidades criadas e da representação que se tem do mesmo. A dialética contribui para a compreensão dos fenômenos em sua totalidade, entendendo-os como parte de uma realidade dinâmica, a qual está em constante transformação, sendo um processo sócio-histórico.*

**Palavras-chave:** cultura, território, distrito.

---

<sup>1</sup> Historiadora. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Gestão do Território, na linha de pesquisa Dinâmicas Regionais e Urbanas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. [vane\\_historia@yahoo.com.br](mailto:vane_historia@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Docente na Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.

**Abstract**

*This article seeks an understanding of the historic-geographical Guaragi (Ponta Grossa – PR) through the analysis of the dialectic between culture and territory. The culture is one way of interpreting the organization of the territory from the symbols, beliefs, experiences, identities and representation created that has the same. The dialectic contributes to the understanding of phenomena in its entirety, viewing it as part of a dynamic reality, which is constantly changing, and a socio-historical process.*

**Keywords:** *culture, territory, district.*

**Introdução**

As pesquisas que permeiam a Geografia Urbana pouco abordam os distritos municipais e a complexidade das relações que esses locais têm com os respectivos municípios. Segundo Bauchrowitz (2009, p.11) “O estudo sobre a relação dos distritos municipais com a sede administrativa não consiste em objeto de pesquisa da Geografia Urbana brasileira”. Os focos de estudos geralmente se concentram nas zonas centrais das cidades, nas questões do desenvolvimento e ao crescimento das mesmas. As pesquisas realizadas nas temáticas urbana e rural se dão geralmente de forma dicotômica e, quando associadas, raramente consideram o distrito como elemento importante.

O espaço rural no final do século XIX e início do XX passou a ser visto como um lugar de atraso, inferior, face ao processo de urbanização e industrialização que ocorria no Brasil (SILVA, 2008). Porém, essa visão tem mudado com uma série de atividades que vêm sendo realizadas no campo, tais como industriais e recreativas, juntamente com a questão da preservação ambiental. Desse modo, o rural tem sido visto como um lugar tranquilo, bucólico, onde as pessoas buscam descanso, servindo como um refúgio da correria do dia a dia nas grandes cidades.

Veiga (2002, p.95) coloca que

[...] O que está ocorrendo hoje nos países do Primeiro Mundo é que o espaço rural tende a ser cada vez mais valorizado por tudo o que ele opõe ao artificialismo das cidades: paisagens silvestres ou cultivadas, água limpa, ar puro e silêncio. O desenvolvimento leva a uma forte revalorização do ambiente natural, em vez de suprimir a diferença entre cidade e campo por obra e graça da organização da agricultura e da indústria (VEIGA, 2002, p.95).

Diante das mudanças que permeiam o pensamento sobre o rural, os distritos rurais devem ser pensados em um contexto amplo, o qual envolve as relações econômicas, políticas e culturais presentes nesses locais e as suas relações com as sedes municipais, não sendo entendidos como oposição, campo-cidade, mas sim na sua relação com a cidade.

Monastirsky *et al.* (2009) apontam os esforços que as políticas públicas federais e estaduais têm demandado em relação aos trabalhadores rurais e às comunidades tradicionais (quilombolas e faxinalenses). Assim

[...] parece inevitável que a questão das demandas das comunidades distritais municipais de cada unidade federativa também se coloque aos gestores públicos responsáveis pela execução das políticas públicas. Por certo, não se trata de reduzir todos os problemas sociais que ocorrem fora das cidades à escala distrital, mas de reconhecer que o modo de vida de determinadas comunidades e as políticas públicas de dotação de infraestrutura e serviços públicos apresentam certas especificidades que podem ser mais bem compreendidas quando também se recorre ao recorte distrital municipal (MONASTIRSKY *et al.*, 2009, p. 09).

A efetivação das políticas públicas voltadas a esses locais depende da compreensão da configuração dos mesmos. Para compreender as especificidades do distrito de Guaragi – no município de Ponta Grossa (PR) – é necessário entender que o território é historicamente construído. Necessita-se de uma visão de sua formação histórica

atrelada à dos Campos Gerais, da formação política, econômica, cultural, pela qual se deu o processo de sua formação territorial, pois pensar o contexto histórico em que o indivíduo está inserido ajuda a compreender as influências diretas ou indiretas que esse contexto exerce sobre ele e o grupo do qual faz parte. A formação territorial não está desvinculada de processos históricos e se dá no âmbito das relações sociais, por isso a necessidade de “[...] considerar os múltiplos fatores que concorreram para caracterizar essa territorialidade” (FARJADO, 2008, p.29).

O Paraná teve seu povoamento caracterizado pelas diversas fases econômicas (tropeirismo, madeira, erva-mate, café e soja)<sup>3</sup>. Essa afirmação é melhor compreendida nas palavras de Fajardo (2008, p.115) quando afirma que “Estas fases resultaram num processo de povoamento irregular, com parcelas do território sendo ocupadas segundo as motivações de exploração econômica do momento”. O distrito de Guaragi encontra-se nesse contexto, povoamento em momentos distintos no tempo-espaço, fazendo parte do chamado “Paraná Tradicional”.

O local onde hoje se encontra o distrito começou a ter suas primeiras ocupações no século XVIII. As versões para o surgimento de Guaragi estão ligadas à passagem de bandeirantes pelo local – os quais teriam fundado Bela Vista<sup>4</sup> em 1770 –, à passagem de tropeiros que estabeleciam pontos de parada, os quais deram origem a núcleos de habitações e comércio, às sesmarias concebidas, e a imigrantes que vieram se fixar nas terras doadas pelo governo da Província em 1878 (CHAMMA, 2007).

Antes de receber o nome de Guaragi<sup>5</sup>, o distrito era conhecido por município de Entre-Rios, e apresentava um certo prestígio, com características de uma pequena cidade. Era servido pela estrada de ferro São Paulo–Rio Grande e tinha um teatro no qual companhias de

---

<sup>3</sup> Elas acontecem conforme motivações econômicas do momento, mas não significa que para uma fase surgir a outra tenha que desaparecer, apenas alguns setores são mais privilegiados no momento em detrimento de outros.

<sup>4</sup> Bela Vista foi o primeiro nome dado ao distrito de Guaragi, Lei nº 909 de 25 de agosto de 1881.

<sup>5</sup> A origem do nome provém dos nomes dos maiores rios que servem de limites às suas terras, rio Guaraúna e rio Tibagi (CHAMMA, 1981)

vários locais vinham se apresentar, além da própria população que também apresentava suas peças. No início do século XX Entre-Rios exportava erva-mate, madeira, couro, entre outros, além de possuir serrarias e fazendas agropastoris, e contava com uma população de 10 mil habitantes. Em 1914 era editado um “seminário” de nome “Vida Nova”, o qual trazia notícias da capital e de várias localidades do país, nessa mesma época, funcionava em Guaragi um dos principais centros educacionais do Paraná, o Instituto de Comércio e Agronomia. Com o passar dos anos o prestígio foi sendo perdido face ao crescimento das cidades e muitos moradores se mudaram em busca de outras atividades econômicas (CHAMMA, 1981).

Entre-Rios foi desmembrado, “a parte leste do rio Guaraúna ficou para Palmeira (atual distrito de Guaragi), enquanto a parte oeste ficou com Teixeira Soares (hoje, distrito de Guaraúna)” (BAUCHROWITZ, 2009 p. 14).

O distrito de Guaragi, formado por caboclos e também imigrantes (poloneses, ucranianos, alemães, italianos, bielo-russos, luso-brasileiros), está localizado na região rural de Ponta Grossa e situa-se a 32 km do centro. Este distrito foi regularizado como pertencente ao município de Ponta Grossa em dois momentos, primeiro através da Lei nº. 337 de 19 de março de 1900, ficando anexo a Ponta Grossa até 1940, quando passou a pertencer ao município de Palmeira, ficando anexo a esse até 1957, quando aconteceu a “reintegração do distrito à Ponta Grossa, com cerca de 2.550 habitantes o qual apoiou-se no resultado de um plebiscito realizado neste” (LOWEN, 1990, p.46), através da Lei Estadual nº. 3.315 de 11 de setembro de 1957. Se for considerado o aspecto formal, o distrito apresenta uma história recente, mas sua ocupação territorial remonta à formação dos Campos Gerais.

Sua área é constituída por fazendas, sede distrital urbanizada, chácaras, comunidades rurais, como a comunidade Sutil (descendentes de escravos) – que surgiu por meio de doações de terras, um núcleo de 20 famílias bielo-russas, e uma “vila rural distante 8 km da sede do distrito com pequenas e médias propriedades (alemães, italianos e poloneses)” (MICELE, 2005, p.70).

Percebe-se a diversidade cultural que compõe o distrito de Guaragi, expressa pelo *habitus*, que contribui com a formação do território e da

identidade social, pois cada grupo apresenta a sua idiossincrasia cultural. É através dessas diferenças que se baseia a proposta de análise para o entendimento da formação do território.

Questiona-se como é o processo de aculturação que essas comunidades sofrem e como conseguem permanecer enquanto grupo em contato com uma sociedade em constante mudança. Para isso é necessário entender o território para além do material, através da cultura, da identidade e das representações sociais criadas nesses grupos no tempo-espaço.

Entendendo que o território é formado pelo econômico, político e cultural, buscamos neste artigo abordar o território para além do materialismo histórico, considerando a perspectiva cultural. Pode-se, desta forma, apreender a cultura que permeia o distrito de Guaragi, as experiências dos indivíduos, a maneira como se identificam com o meio em que vivem, criando laços de pertença junto ao grupo e ao território, considerando-o dentro de um contexto histórico.

### **Distrito de Guaragi: a dialética entre cultura e território**

A dialética começou a ser discutida e utilizada com Platão e Aristóteles de formas distintas. Para Platão a dialética era o “processo pelo qual a alma se elevava, por degraus, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou ideias” e para Aristóteles ela era “a dedução feita a partir de premissas apenas prováveis” (SPOSITO, 2004, p.39). De acordo com Konder (1981, p.21) foi Imanuel Kant (1724-1804) quem “percebeu que a consciência humana não se limita a registrar passivamente impressões provenientes do mundo exterior, que ela é sempre a consciência de um ser que interfere ativamente na realidade”.

No início do século XIX George Fredrich Hegel (1770-1831) “retoma o movimento natural do pensamento na pesquisa e na discussão” (SPOSITO, 2004, p.41). Para ele, as coisas acontecem no mundo das ideias, não existindo uma verdade para além da razão humana. Para compreender a realidade do mundo era necessário um método, o qual ele chamou de dialético, o pensamento elaborado que é confrontado com um novo pensamento criando uma tensão entre os dois. Hegel concordava

com Kant ao reconhecer que o sujeito humano é essencialmente ativo e está sempre interferindo na realidade (KONDER, 1981).

Karl Marx se contrapõe à ideia de Hegel, afirmando que a dialética “depende da compreensão das categorias econômicas como a expressão teórica de relações históricas [...] compreendendo necessariamente a noção de movimento na História” (SPOSITO, 2004, p.44). Para Karl Marx, somente através do estudo da prática humana se resolveriam as questões homem e natureza, fato e valor, sujeito e objeto etc. Para ele, o trabalho físico, material, é a atividade pela qual o homem domina a natureza, criando a si próprio, mas a partir da divisão social do trabalho o homem se aliena. Com essa preocupação de compreender o sistema capitalista, Marx deixou um legado que se expande pelas ciências humanas, econômicas.

Dessa forma, a dialética vem a ser a maneira de pensar e entender as contradições que acontecem nas sociedades, nas relações sociais, compreendendo a realidade em constante transformação e sendo contraditória, vendo o sujeito como participante desse processo de transformações, contrapondo-se à visão positivista da história, que tem o homem como mero espectador da realidade.

O distrito de Guaragi aparece como um espaço intermediário das relações que acontecem entre o rural e o urbano. Sendo um espaço de relações sociais, de produções históricas, de culturas diferentes que se interligam, permite pensar essas relações sociais e as relações que os indivíduos que ali residem têm com o espaço, de maneira dialética, lembrando que esse espaço não é algo acabado, que está sempre em constante transformação.

Assim, depois da visão do todo, não negando as partes, chega-se às especificidades da sociedade que reside no distrito. E são essas questões que o método dialético permite perceber. Permite “revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente; ele questiona o presente em nome do futuro, o que está sendo em nome do que “ainda não é” (BLOCH apud KONDER, 1981, p. 84). O método dialético nos permite compreender como os indivíduos moldam o território e ao mesmo tempo são moldados por ele.

Karl Marx coloca a análise da sociedade a partir de um materialismo dialético. Para compreendê-la, ele diz que a história dos homens deve ser estudada em conexão com o material, o qual determina a vida dos indivíduos. Marx deixa fora dessa análise a cultura e a experiência<sup>6</sup> que os indivíduos vivem em sociedade, manifestam em seu grupo, e como se representam. Conforme Bottomore (1983, p.259) “[...] o materialismo dialético pressionou o materialismo histórico na direção do economicismo, ou seja, a tendência a supor que, como base material da sociedade, só a economia, e talvez mesmo apenas seu aspecto ‘mais material’, a tecnologia produtiva, tem uma eficácia causal real [...]”.

Os apontamentos de Marx sobre a sociedade são muito válidos e nos ajudam a compreendê-la através das relações que se fazem presentes no espaço. A proposta dessa análise é ampliar para além da estrutura econômica a identificação que o indivíduo tem com um determinado grupo e as relações que ali acontecem para o entendimento da formação do território. Pensar as relações que ali acontecem pela cultura, pelas representações, pelas experiências que um determinado grupo expressa em um determinado tempo-espaço, ajuda a compreender a dinâmica do território, pois os indivíduos ao se relacionarem criam mecanismos de poder, se hierarquizam, recebem influências de outras culturas e também influenciam, e isso se reflete no território vivido.

Pensar os indivíduos foi uma das preocupações da Escola de Frankfurt<sup>7</sup>. Para os estudiosos dessa escola, segundo Matos (2006, p.47), “falta um sujeito histórico, no sentido do agente transformador da sociedade e da consciência”. O autor prossegue afirmando que a “noção de indivíduo volta a ser central para os autores frankfurtianos” (MATOS, 2006, p.50). A cultura passa a ser um dos pontos importantes pelo qual se pode compreender uma sociedade, ela expressa uma ordem. Os frankfurtianos, em oposição “a uma história deduzida diretamente dos conceitos do materialismo dialético, [...] propõem resgatar uma outra

---

<sup>6</sup> Ler E.P.Thompson, *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

<sup>7</sup> Escola de Frankfurt, fundada em 1923, por filósofos e cientistas sociais de tendências marxistas. Deve-se a ela a criação de conceitos como “indústria cultural” e “cultura de massa”. Sobre esse assunto ler ASSOUN, Paul-Laurent, **A Escola de Frankfurt**, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989.



história, na qual as marcas do passado permaneçam presentes em seus produtos.” (MATOS, 2006, p.51).

Thompson considera Marx silencioso no que diz respeito às mediações culturais. Ele coloca que, para entendermos uma determinada sociedade, precisamos vê-la como uma formação social e cultural. Assim, ao interpretarmos os significados simbólicos dos fenômenos culturais, podemos entender de que modo “o sistema social se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo externo” (THOMPSON *apud* HUNT, 2003, p.71).

Para Thompson (1981, p.182), os indivíduos

[...] retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras [...] e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre a situação determinada (THOMPSON, 1981, p.182).

Os indivíduos se expressam por meio de costumes, regras, formas simbólicas, crenças, leis, pois eles “experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas” (THOMPSON, 1981, p.189).

A cultura torna-se um importante fator a ser pensado se quisermos entender determinados grupos e como os mesmos se relacionam com o exterior, com culturas diferentes, e como mantêm e legitimam sua identidade, manifestando-se também como uma forma de poder.

A Geografia Cultural traz grandes contribuições para esse campo, pois segundo Sauer (2003, p.23) ela “se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica”. A cultura pode modificar espaços, *habitus*, e

essas transformações se mostram nos valores, nos símbolos, que são criados.

Assim, a cultura é entendida como uma representação, uma construção social, a qual

[...] está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e apenas espacialmente [...] a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade [...] (ZANATTA, 2007).

A forma como o indivíduo percebe o mundo está ligada ao grupo ao qual pertence e aos parâmetros que lhe foram passados através das representações coletivas. As representações que os grupos fazem de si mesmos e dos outros permitem entender esse jogo de poder presente no território.

No caso do distrito de Guaragi a representação permite compreender como diferentes grupos de diferentes etnias se manifestam e se afirmam em seu espaço como uma forma de reconhecimento, tanto no próprio espaço rural (distrito) como em face do espaço urbano.

Apresentando-se, não só na materialidade, mas também nos valores morais, éticos, nos hábitos e significados expressos nas práticas sociais, por meio dos mitos e do imaginário, a cultura mostra-se nas características dos laços de relações sociais, “funcionando” por meio dessas relações. Dessa forma ela surge como uma maneira de entender a formação histórico-territorial, pois,

As culturas locais e regionais tornam-se espaços privilegiados da investigação porque as situações singularizadas, no tempo e no espaço, vividas pelos sujeitos, até então considerados como infames e insignificantes, podem oferecer elementos prescindíveis para a compreensão histórica. O detalhe pode revelar o não percebido do fenômeno cultural, a

permanência e a mudança (SOCHODOLAK; CAMPIGOTO, 2008, p.25)

Segundo o pensamento expresso por tais autores, pensando o território formado a partir da cultura, percebendo-o como uma construção histórico-geográfica, podemos compreender a maneira com que os grupos se apropriam do espaço, o (re)constroem, o (re)significam, adaptando-o conforme suas necessidades e interagindo com outros indivíduos através da convivência social em um movimento dialético. Haesbaert (2004, p.115) discute essa questão ao afirmar que o “território [...] define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido”.

Milton Santos (1998, p.16) coloca que o território são formas, “mas o território usado são objetos e ações, sinônimos de espaço humano, espaço habitado”. Para ele, são essas ações e relações do cotidiano que ocorrem no território que permitem compreendê-lo, afirmando-se a dialética existente no território.

Para compreender as transformações que os grupos fazem no espaço, é necessário entender a dinâmica das relações sociais que permeiam os grupos; para tal, é preciso que se faça uma análise aprofundada de como os grupos se organizam no território, como se hierarquizam socialmente. Para Claval (1999, p.287) os “grupos humanos transformam os meios naturais onde se instalam [...] A paisagem humanizada toma formas variadas que refletem as escolhas e os meios das diferentes culturas”. Dessa forma, o território se mostra em parte simbólico e em parte funcional, e a cultura tem a função de reinterpretar esse espaço.

Wagner e Mikesel (2003, p.29) consideram que “[...] uma cultura passa a se difundir quando os que a compartilham se deslocam, ou quando sua correspondente esfera de comunicação, e os símbolos aí incluídos, prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios”. Os autores afirmam que esses elementos culturais podem se distribuir através dos contatos que as pessoas têm umas com as outras e por aculturação, sem que ocorra necessariamente um movimento de população.

Assim, ao pensarmos o território a partir da cultura que

[...] prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido (HAESBAERT, 2004, p.40)

Podemos, então, compreender a maneira como esses grupos presentes no distrito de Guaragi se afirmam, se identificam uns aos outros e a eles mesmos, e transformam o território habitado, pois o homem ao viver em sociedade tem como consequência se relacionar, e para que isso aconteça são criados dentro de cada grupo, símbolos, crenças e regras, que formam assim as especificidades do grupo, sua cultura, diferenciando-o dos demais.

O indivíduo, segundo Karl Marx, “é o ser social” (KONDER, 1981, p.79), logo esse indivíduo tem relações, responsabilidades, e carrega consigo uma cultura que não pertence somente a ele, mas sim faz parte de uma sociedade a qual representa, e ao mesmo tempo essa sociedade não está fechada em si mesma, esse indivíduo se relaciona com indivíduos de outras sociedades, e essas relações não podem ser ignoradas.

Para Cuche (2002) as culturas nascem a partir de relações sociais as quais considera relações desiguais, onde a distinção entre grupos produz as diferenças culturais. Cada grupo defende suas especificidades de forma que sua cultura seja valorizada perante o outro. A linguagem, as regras, as relações econômicas, a expressão por meio da arte, do folclore, das crenças religiosas são sistemas que

[...] buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros (STRAUSS *apud* CUCHE, 2002, p.95).

A cultura pensada nesse meio de relações sociais pode ser analisada como uma produção histórica, sendo necessário pensar o contexto sócio-

histórico em que o grupo está inserido para poder compreender o sistema cultural do qual faz parte, pois, ela não está isolada dos fatos, e é através dessas relações de uns com os outros que compreendemos a construção social, a qual se produz em “mão dupla”, de forma dialética, porque a cultura

[...] é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si. Para analisar um sistema cultural, é então necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz como ele é (BALANDIER *apud* CUCHE, 2002, p.143).

Para pensar essas práticas culturais, Cuche (2002) propõe a noção de *habitus* utilizada por Bourdieu. Ele substitui o termo cultura por *habitus* para estudar as características de um determinado grupo em relação ao outro. Para ele o “‘habitus’ é o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais” (BOURDIEU *apud* CUCHE, 2002, p.171).

O *habitus* funciona como organizador de práticas e representações, não necessariamente de forma consciente, permitindo aos indivíduos se organizarem em seu espaço, como forma de resistência, criando práticas nas diferentes posições sociais, não necessitando que o indivíduo tenha consciência de tal ato, permitindo a ele, ou ao grupo, que perante novas situações se renove o meio como desempenhavam antigas funções. Segundo Bourdieu (1998, p.61, grifo do autor) o *habitus* “[...] é um conhecimento adquirido e também um *haver*, capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural [...]”.

Funcionando “como a materialização da memória coletiva” o *habitus* permite a preservação de costumes e a transmissão de um para outro. Não é um sistema fechado em si, e para analisar suas variações precisamos levar em conta as experiências do grupo, do indivíduo, os contatos com outra cultura e as dicotomias das relações sociais, que podemos dizer são uma forma de trocas culturais.

Adotando o conceito de *habitus* é possível analisar os fatores que contribuem para a permanência dos grupos que residem no distrito de Guaragi e como eles mantêm sua cultura mesmo estando constantemente em contato com outros grupos. Dessa forma o território é o lugar onde acontece o encontro das culturas, e ao mesmo tempo ele é determinado por essas culturas e pelas relações sociais que nele acontecem. O passado e o presente se cruzam e interagem, causando mudanças ou mesmo permanências, as quais podem ser percebidas através da cultura, que apresenta as ligações de um determinado grupo com seu território.

Os grupos que formam o distrito de Guaragi – caboclos, imigrantes (poloneses, ucranianos, alemães, italianos, bielo-russos, luso-brasileiros) – carregam consigo símbolos, crenças, costumes e linguagens que estão presentes no dia a dia.

Sousa Santos coloca que a

[...] cultura de um dado grupo social não é nunca uma essência. É uma autocriação, uma negociação de sentidos que ocorre no sistema mundial e que, como tal, não é compreensível sem a análise da trajetória histórica e da posição desse grupo no sistema mundial (SANTOS, 1997, p.148).

Se pensarmos nessas relações campo-cidade e distrito-município, percebemos que com o passar do tempo elas se intensificam em função das necessidades que se apresentam no cotidiano

[...] de buscar no outro (alhores) coisas, relações, atividades e produtos que não se encontram nos espaços cotidianos. Fato é que essa intensificação também cria hábitos comuns. Entretanto, tais hábitos não significam destituição do modo de vida, tampouco a sua homogeneização. Apesar das similitudes apresentadas, as diferenças se mantêm. O cotidiano

está sempre permeado por uma lógica que cria e recria hábitos (BAGLI, 2006, p.98)

O fato de os indivíduos se relacionarem com outros de culturas diferentes, não faz com que sua cultura se anule perante a outra. Os símbolos e as crenças se mantêm. Eles podem assimilar hábitos externos a sua cultura e (re)significá-los, pois o 'habitus' é suscetível a modificações.

A cultura pode ser pensada como um processo individual, com a possibilidade de refletir na organização desse território, e associada a ela está a identidade, mas não se pode confundi-las.

As noções de cultura e de identidade cultural são abordadas de formas diferentes por Cuche (2002). Para o autor, a cultura faz parte de um processo inconsciente, ao contrário da identidade que é consciente. Por isso, ao abordarmos a identidade, não podemos esquecer o contexto em que o grupo/indivíduo se encontra e como foi socialmente construído. Isso fica claro nas palavras de Cuche (2002, p182) quando coloca que uma “cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações”. A vontade de se diferenciar, os símbolos que utilizam para marcar a sua identidade é o que vai separar os grupos étnico-culturais.

Cuche (2002) e Hall (1998), em diálogo com outros autores, colocam que devemos falar em “identificação” ao invés de “identidade”, pois está se referindo a um processo em andamento, e é a partir do exterior que esta surge. Essa identificação seria uma afirmação ou imposição de identidade, a qual depende do poder que cada grupo exerce. Nesse sentido “identidades são, pois, identificações em curso” (SANTOS, 1997, p.135), elas fazem parte das relações e das trocas sociais e demonstram os limites entre um grupo e outro.

A identidade proporciona ao indivíduo e ao grupo sua localização social, sendo ao mesmo tempo exclusão/inclusão, pois distingue os grupos de diferentes pontos de vista. Nesta “perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles baseada na diferença cultural” (CUCHE, 2002, p.177), sendo conferida

pelo outro, pois nenhum grupo produz a si mesmo. Ela resulta da identificação dada pelos outros e da afirmação que o próprio grupo/indivíduo faz de si. Segundo Hall (1998) a cultura é definida historicamente, formada ao longo do tempo, não sendo inata. Ela surge do exterior, de como imaginamos ser vistos pelos outros e caracteriza-se por um conjunto de vinculações (sexuais, sociais, de idade etc.).

Podemos compreender como um determinado grupo constrói e afirma seu território através da identidade, sendo ao mesmo tempo influenciado por ele, pois a identidade está constantemente em construção, desconstrução e reconstrução dependendo do contexto em que se encontra, fazendo parte de um movimento no qual, segundo Cucho (2002), cada mudança social faz com que ela se reformule. Assim podemos pensar na reconstrução de identidades pelos caboclos e imigrantes que vivem no distrito a partir do contexto em que se encontram, em contato uns com os outros e também com o urbano (cidade de Ponta Grossa), onde seus traços culturais misturam-se, sendo a identidade constituída no tempo-espço. Eles tanto podem vir a assimilar uma cultura para não se sentirem excluídos como podem afirmar a sua própria cultura para se diferenciarem dos demais, refletindo no território em que se encontram, formando comunidades fechadas (ex.: Comunidade Bielo-Russa) como uma forma de defesa para tentar manter sua identidade.

Para Claval (2007), o território desempenha um papel central na estruturação das identidades coletivas. É ele que fornece a base para as relações sociais, fornece em partes recursos necessários à existência dos indivíduos, está carregado de símbolos e significações que são compartilhados.

Haesbaert cita Bonnemaïson e Cambrèzy, os quais afirmam que:

O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território cultural precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico (BONNEMAISON; CAMBRÈZY *apud* HAESBAERT, 2004, p.72).



Os autores ressaltam que o território não pode ser percebido apenas como exterior à sociedade que o habita, ele é uma parcela de identidade, da relação afetiva que o grupo/indivíduo tem com o espaço, podendo ser pensado como uma representação (valores, crenças, ideologias, imagens etc.). Para compreender esse processo é necessário considerar o contexto histórico, tanto nas relações internas como externas.

### **Considerações finais**

O distrito de Guaragi tem características peculiares, pois apresenta diversas comunidades étnico-culturais em seu território. Pensar o contexto histórico em que o indivíduo está inserido permite compreender as influências diretas ou indiretas que esse contexto proporciona sobre ele e o grupo do qual faz parte, e pensar o território a partir da cultura, da identidade e da memória ajuda a compreender o processo de formação de um espaço geográfico – o Distrito de Guaragi. Assim, a análise histórica do distrito contribui para entender a dinâmica de sua formação territorial, pois o mesmo não está desvinculado de processos históricos e se faz no âmbito das relações sociais. O território vai além de um lugar apenas político, ele expressa valores, ritos, afetividades, culturas, identidades e representações, que estão presentes na memória coletiva do grupo. A cultura é um elemento de forte influência na constituição do espaço, e o território tem que ser visto além de um domínio político, como afirma Haesbaert (1997), sendo também uma apropriação simbólica, identitária e afetiva.

### **Referências**

ASSOUN, Paul-Laurent. **A escola de frankfurt**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

BAGLI, Priscila. "Rural e urbano". In.: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (org.) **Cidade e Campo: relações e contradições** entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.81-109.

BAUCHROWITZ, Luciane. **Caracterização dos distritos de Guaragi e Uvaia: uma contribuição para o planejamento distrital do poder público do Município de Ponta Grossa (PR)**. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Geografia – Bacharelado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2009.

BOTTOMORE, Tom. **O dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Trad. TOMAZ, Fernando. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 1998.

CHAMMA, Guisela Velêda Frey. "Guaragi". In: **Os Campos Gerais: uma outra história**. Ponta Grossa: 2007, p. 155-166.

CHAMMA, Guisela Velêda Frey. **Guaragi: Um esboço Histórico**. Uniletras, UEPG – Departamento de Letras, nº 3, dez. 1981, p.85-91.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**. Trad. PIMENTA e PIMENTA. 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CUCHE, Denys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSC, 2002.

FAJARDO, Sergio. **Territorialidades Corporativas no Rural Paranaense**. Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

HAESTBAERT, Rogério. "Des-caminhos e perspectivas do território". In: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Saverio; SAQUET, Marcos Aurelio (org.) **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. UNIOESTE, Francisco Beltrão (PR): 2004, p.87-120.

HAESTBAERT, Rogério. **O mito da Desterritorialização: do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1ª ed. 1981.
- LOWEN, Cecilian Sahr. **Favelas: um aspecto da Expansão Urbana de Ponta Grossa – PR**. 1990. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Rio Claro – SP, 1990.
- MATOS, Olgária C.F. **Escola de frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: 2ª ed., Moderna, 2006.
- MICELI, José Carlos. **Construção do espaço dos vileiros: a subjetividade do agricultor familiar nas Vilas Rurais do Paraná**. 2005. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2005.
- MONASTIRSKY, Leonel. Brizolla; BAUCHROWITZ, Luciane; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre; LIMA, Jardel de. “A Escala esquecida: modernização e políticas públicas nos distritos municipais”. In.: **Revista zemas e Matizes**, UNIOESTE, Francisco Beltrão, vl.8, nº16, p. 08-23, 2009.
- ORTIZ, Renato. **A Mundialização da Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- SANTOS, Milton. “O retorno do território”. In.; SANTOS, Milton; et.al. **TERRITÓRIO: Globalização e Fragmentação**. 4ª ed. São Paul: HUCITEC, 1998, p. 15-20.
- SAUER, Carl O. “Geografia Cultural”. In.: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à Geografia Cultural**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 19-26.
- SILVA, Anelino Francisco da. “Do campo à cidade: idéia em tópicos para a geografia cultural”. In.: VALENÇA, M.M.; BRAGA, M. H.; COSTA, Vaz da. **Espaço, Cultura e Representação**. Natal – RN, EDUFRN, 2005.
- SILVA, José Aparício. **Fatores endógenos e exógenos que levaram à migração/resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca – Ponta Grossa – PR, na década de 1970**. 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.
- SOJA, Edward W.; RIBEIRO, Vera. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social critica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: 4ª ed., Cortez, 1997.

SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José A. **Estudos em História cultural na região Sul do Paraná**. Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do Pensamento Geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da Teoria: ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2002.

WAGNER, P.L.; MIKESEL, M.W. “Os temas da Geografia Cultural”. In.: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à Geografia Cultural**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2003, p. 27-61.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. “A abordagem cultural na Geografia”. In.: **Temporis [ação]**, Unidade Universitária Cora Coralina, Revista Eletrônica, vol. 1, n° 9, p.224-235, 2007.

**Artigo recebido para publicação em:**

07 de abril de 2010.

**Artigo aceito para publicação em:**

10 de julho de 2010.

**Como citar este artigo:**

BARRETO, Vanessa Marques; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. “A dialética entre território e cultura na formação histórico-geográfica, uma discussão teórica: breve abordagem sobre o distrito de Guaragi – Ponta Grossa (PR)”. In: *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 4, n. 2, 2010. pp. 307-327.